

A Guerra do Golfo, os Estados Unidos e as Relações Internacionais

Sandro Heleno Morais Zarpelão (Especialização História/UEL)
sandrohmzarpelao@hotmail.com

Dia 17 de janeiro de 1991, já era noite em Bagdá, quando os primeiros mísseis estadunidenses cruzaram os céus da cidade. Começava, então, a Guerra do Golfo com o bombardeio maciço dos aviões aliados, principalmente dos Estados Unidos, sobre o Iraque e o Kuwait ocupado pelas tropas iraquianas. Nesse momento, dos escombros da Antiga Ordem Mundial (Guerra Fria), nascia uma profunda insegurança nas relações internacionais, em que o dançar histórico era mais rápido do que a história e os países podiam acompanhar e entender. Nesse sentido, faz-se mister ressaltar como a historiografia e a teoria das relações internacionais viram emergir essa nova realidade. Assim, a Guerra do Golfo foi o conflito que ocorreu dentro de grandes transformações verificadas nas relações internacionais na virada das décadas de 1980 para 1990.

Ocorre que a Guerra do Golfo é colocada pela imprensa como sendo uma guerra sem grande importância histórica, apenas conhecida pelas armas inteligentes, bombardeios cirúrgicos e alta tecnologia, desconhecendo talvez a sua real dimensão. A própria historiografia também não trata a Guerra do Golfo como um fato histórico de grande relevância no cenário internacional. É bem verdade que não se deve superdimensioná-la, carregando-a de um peso histórico que não possui, mas também não se pode relegá-la ao esquecimento. Assim sendo, foi de suma importância estudar tal temática para compreender melhor o mundo.

Objeto: Trata-se da Guerra do Golfo ocorrida em 1991, na região do Oriente Médio causada por uma série de questões como petróleo, interesses estadunidenses na mencionada área, equilíbrio geopolítico regional e postura do governo iraquiano. Fez-se um balanço historiográfico acerca do mencionado tema, demonstrando como a historiografia e as relações internacionais trabalham-no. Assim, a Guerra do Golfo, em 1991, foi o conflito que ocorreu dentro de grandes transformações verificadas nas relações internacionais no ano de 1991, no caso a crise do socialismo real, o fim da Guerra Fria e o consenso, nunca antes existido, na atuação da ONU, durante o citado conflito, o que comprova uma mudança no equilíbrio geopolítico regional.

A pesquisa em questão mostrou que a Guerra do Golfo foi um sintoma de mudança no cenário das relações internacionais. Depois se objetivou mostrar o quanto interessava aos Estados Unidos intervir no Kuwait e no Iraque almejando resguardar os seus interesses geopolíticos e econômicos, à luz da Doutrina Powell do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

A presente temática é um fragmento da monografia de especialização que analisou a bibliografia acerca do tema “Crise no Oriente Médio: a Guerra do Golfo, as discussões historiográficas e as relações internacionais (1990-1991)”, defendida no curso de especialização em História Social, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Vale ressaltar que as fontes utilizadas como instrumentos de pesquisa são referenciais bibliográficos e não uma análise de fontes primárias como jornais e revistas. Procurou-se uma análise com base na teoria relativista das relações internacionais.

Resultados: Percebeu-se que é assaz necessário compreender melhor a Guerra do Golfo à luz da Teoria das Relações Internacionais, dentro da ótica das discussões historiográficas e das mudanças nas relações internacionais dos últimos 20 anos. Assim, será possível entender como a Guerra do Golfo se liga com a política internacional dos Estados Unidos, com a Doutrina Powell, com as mudanças que o Departamento de Estado dos Estados Unidos teve desde o Governo George Bush. Também vale ressaltar que tal guerra não foi tão “limpa” e nem apenas tecnológica.

A Guerra do Golfo (1990-1991), os Estados Unidos e as Relações Internacionais.

Sandro Heleno Morais Zarpelão*

Grupo de Trabalho Estado, democracia e partidos políticos

O tema "Golfo em chamas: a visão da imprensa brasileira sobre a Guerra do Golfo (1990-1991)" almeja demonstrar e analisar como a Guerra do Golfo foi coberta por parte da imprensa escrita brasileira. Ocorre que a Guerra do Golfo, ao que tudo indica, possui muitas ligações causais com os acontecimentos hodiernos como o terrorismo internacional, as relações internacionais, os Atentados de 11 de Setembro e a Invasão do Iraque, em 2003. Para tanto, será feita uma abordagem das discussões bibliográficas acerca do tema em questão. A idéia é demonstrar como os Estados Unidos se comportaram durante a Guerra do Golfo, de 1991, e qual foi o impacto disso nas relações internacionais da época em questão e seus efeitos em longo prazo.

1 – INTRODUÇÃO e CONTEXTO HISTÓRICO

Dia 17 de janeiro de 1991, já era noite em Bagdá, quando os primeiros mísseis estadunidenses cruzaram os céus da cidade das mil e uma noites. Começava, então, a Guerra do Golfo (1), com o bombardeio maciço dos aviões aliados sobre as principais cidades iraquianas e sobre o Kuwait ocupado pelas tropas do Iraque.

O mundo todo através da CNN (canal exclusivo de notícias dos EUA), viu em tempo real, instantaneamente, a guerra, as bombas "inteligentes", os bombardeios cirúrgicos e todo o incrível aparato tecnológico dos EUA e seus aliados. Uma guerra que ficou conhecida muito mais pelas imagens que pareciam ser de computador, do que pelas vítimas, destruição e mortes.

A imprensa, televisiva e também escrita, transformou as armas e a alta tecnologia bélica nos principais protagonistas da guerra, numa incrível inversão de papéis, em que o homem, o horror, a destruição e a ferocidade da guerra foram deixados em segundo plano.

Nesse momento, o mundo estava presenciando o emergir de uma era de incertezas, com a crise da Guerra Fria (2), do socialismo real (3) e da URSS, com o

* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e especialista em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); contato: sandrohmpzarpelao@hotmail.com

advento de inúmeros conflitos étnicos, religiosos e nacionalistas e a formação e expansão de muitos blocos econômicos.

Dos escombros da Antiga Ordem Mundial (Guerra Fria), nascia uma profunda insegurança nas relações internacionais, em que o dançar histórico era muito mais rápido do que as pessoas, nações e intelectuais podiam acompanhar e entender.

Nesse sentido, as relações internacionais foram duramente atingidas por esses ventos mutantes e avassaladores da História, e como já estavam passando por grandes mudanças desde a década de 1970, viram emergir novas situações que a própria Guerra Fria já não conseguia mais explicar por completo, como afirma Francisco Carlos Teixeira:

“A Guerra do Golfo, entre 1990, quando o Iraque invade e anexa o pequeno e rico Kuwait, e 1991, quando a coligação da ONU liderada pelos Estados Unidos repele a invasão iraquiana, marca o ponto de algidez das mudanças geoestratégicas que vinham se operando desde o final dos anos 70.”(4)

Assim, a Guerra do Golfo, em 1991, foi o conflito que ocorreu dentro de grandes transformações verificadas nas relações internacionais no ano de 1991, no caso a crise do socialismo real, o fim da Guerra Fria e o consenso, nunca antes existido, na atuação da ONU, durante o citado conflito.

Ocorre que a Guerra do Golfo é colocada pela imprensa como sendo uma guerra sem grande importância histórica, apenas conhecida pelas armas inteligentes, bombardeios cirúrgicos alta tecnologia, desconhecendo talvez a sua real dimensão. A própria historiografia também não trata a Guerra do Golfo como um fato histórico de grande relevância no cenário internacional. É bem verdade que não se deve superdimensioná-la, carregando-a de um peso histórico que não possui, mas também não se pode relegá-la ao esquecimento.

Daí a importância da pesquisa em questão, para mostrar se a Guerra do Golfo foi ou não um sintoma de mudança no cenário das relações internacionais. Assim, a primeira parte dela mostra um contexto histórico para se situar a Guerra do Golfo, baseado no texto “O Iraque no grande jogo político mundial”, de Francisco Carlos Teixeira. Depois há um balanço e uma discussão bibliográfica sobre a história do tempo presente, baseado nos historiadores do IHTP (Instituto de História do Tempo Presente) da França, como René Rémond, além de se citar trechos da obra “Contendo a Democracia”, de Noam Chomsky. Posteriormente, será feita uma análise da

metodologia empregada, no caso a Teoria das Relações Internacionais baseada na obra “Introdução as Relações Internacionais”, de Cristina Soreanu Pecequilo.

Por fim, existe a conclusão e a síntese do trabalho confirmando e mostrando a importância do tema em questão para a melhor compreensão da História, do mundo e do atual momento vivido pela História Contemporânea e Relações Internacionais.

Esse texto é oriundo da - 3 -monografia que está sendo elaborada no Curso de Especialização em História Social, do Departamento de História, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e por isso, tal tema está tendo continuidade e sendo trabalhado de forma mais aprofundada.

2 – JUSTIFICATIVA, OBJETIVO, HIPÓTESE E REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA.

Desde a Idade Antiga a região do Oriente Médio ou Oriente Próximo ou ainda Sudoeste Asiático presenciou inúmeras guerras por motivos étnicos, econômicos, geopolíticos, fronteiriços e religiosos numa escalada preocupante que cruzou os séculos e milênios, chegando ao seu auge no tempestuoso século XX.

Neste último, a escalada de violência chegou a proporções jamais vistas, com inúmeros conflitos que sacudiram a região como o eterno Conflito Árabe-Israelense (5), a Guerra Irã-Iraque (1980-1988) (6), a Guerra Civil Libanesa (1975-1990) (7) e, mais recentemente, a Invasão do Iraque (2003) e a Guerra do Golfo (1991).

Concomitantemente ao processo de intensificação dos embates bélicos durante o século XX, também chamado por Eric Hobsbawm de “Era dos Extremos”, em seu livro de mesmo nome, ocorreu uma grande transformação nas relações internacionais, uma fase de transição entre a bipolaridade da Guerra Fria no setor econômico para a construção de uma nova Ordem Mundial:

“Como iremos compreender o Breve Século XX, ou seja, os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, que, como agora podemos ver retrospectivamente, formam um período histórico coerente já encerrado? Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX. Contudo, não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma

era se encerrou e outra nova começou. Esta é a informação essencial para os historiadores do século, pois embora eles possam especular sobre o futuro à luz de sua compreensão do passado, seu trabalho não tem nada a ver com palpites em corridas de cavalos”.(8)

Nesse sentido, Francisco Teixeira defende que Sadam Hussein não percebeu tais transformações no sistema de relações internacionais, fazendo uma leitura equivocada do cenário internacional da época:

“A Guerra do Golfo, 1990-1991, deu-se em um momento extremamente sensível da mudança da correlação de forças na geopolítica mundial. Trava-se um conflito no interior da URSS em torno do melhor projeto para recuperar o tempo perdido durante as administrações anteriores e, ao mesmo tempo, fornecer uma resposta adequada para o papel da URSS no cenário mundial.(...) Assim, dificilmente os soviéticos poderiam, (...) sair em socorro do aliado iraquiano (...).

(...) A Guerra tornar-se-ia a única solução para evitar um quase monopólio hostil na produção de petróleo, acarretando uma importante virada na política mundial.(...)”(9)

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o mundo viu emergir a chamada Guerra Fria ou Velha Ordem Mundial, pautada em uma bipolarização que engessava a atuação do Conselho de Segurança da ONU, já que este ficava refém da disputa entre URSS e EUA.

Contudo, a partir da Guerra do Golfo (1991), no Iraque e no Kuwait, o Conselho de Segurança se viu livre das objeções colocadas por Moscou e Washington. Tal conflito ocorreu exatamente em uma época de transição nas relações internacionais

Vale lembrar que a mencionada Guerra, segundo a versão oficial apresentada pelos meios de comunicação, foi causada pela invasão territorial do Iraque, de Saddam Hussein, sobre o Kuwait, em agosto de 1990, devido às ambições políticas e econômicas iraquianas. É que o Iraque desejava aumentar o seu território, conquistar os poços de petróleo kwaitianos e ter uma saída maior para o Golfo Pérsico.

Tal ato feria os interesses dos EUA, no campo econômico, geopolítico e de equilíbrio do sistema de relações internacionais e assim, com a anuência da URSS e

da ONU, lideraram e organizaram uma coalizão militar de países que objetivava a expulsão das tropas de Saddam, das terras kwaitianas. Em nome dos interesses estadunidenses que os EUA intervieram no Golfo Pérsico. Assim, em janeiro de 1991, tem-se o início da Guerra do Golfo, que culminaria na rápida vitória das tropas aliadas e na desocupação do Kuwait pelo Iraque em fevereiro de 1991. De acordo com Chomsky, em sua obra “Contendo a Democracia”:

“Hussein foi transformado em demônio conforme a praxe: quando finalmente se entendeu, fora de qualquer dúvida, que seu nacionalismo independente ameaçava os interesses norte-americanos. Nesse momento, seu histórico de horrendas atrocidades ficou disponível para as necessidades propagandísticas, mas, afora isso, não teve essencialmente nada a ver com sua transição repentina, em agosto de 1990, da condição de amigo querido para a de reencarnação de Gêngis Khan e Hitler.”(...)(10)

Conseqüentemente, a Guerra do Golfo pode ser considerada como um sintoma de mudanças nas relações internacionais, o que complementa a idéia já colocada de Eric Hobsbawm, como atesta Noam Chomsky:

*“A ocupação militar do Kuwait – que, se mantida com êxito, faria do ditador iraquiano um grande ator no cenário mundial – não produziu a ameaçado conflito entre superpotências e da guerra nuclear, como tinham feito os conflitos anteriores na região. Esse fato nada insignificante reflete, é claro, o colapso do sistema soviético, que deixou os Estados Unidos sem desafiantes em termos de poderio militar, e com a acentuada tentação de demonstrar a eficácia do instrumento que só esse país pode brandir. Essa concepção estratégica nada tem de incontestável, nem mesmo nos círculos da elite, onde em poucos meses começou a emergir um conflito, dentro dos moldes familiares. A estratégia global de controle mundial pela ameaça ou uso da força entra em choque com os objetivos de manter a saúde econômica e os interesses comerciais internacionais – problemas muito sérios, a esta altura, e difíceis de abordar sem mudanças significativas na política social interna. A forma da **Nova Ordem Mundial dependerá, em grau nada desprezível, de qual dessas concepções irá prevalecer.**” (11)*

Outrossim, faz-se mister ressaltar que o tema em questão é inserido na Nova História Política, mais especificamente na História do Tempo Presente. Assim sendo, muitos críticos da História do Tempo Presente tecem críticas dizendo que é preciso esperar para os temas do tempo presente se transformarem em objeto da história, o que é um ledo engano de acordo com René Remond:

“(...) Aos que nos diziam: é preciso esperar o tempo transcorrer até o tempo presente tornar-se objeto de história, querendo com isso indicar a irredutibilidade, a especificidade, respondíamos: não há diferença entre a atividade do historiador que estuda a guerra do Peloponeso e a daquele que se interessa pela II Guerra Mundial; não há razão para estabelecer uma diferença e distinguir a história do tempo presente.(...)”(12)

Nesse sentido, o próprio René Remond atesta não é fácil trabalhar com a História do Tempo Presente, mas pode e se deve trabalhar com esta temática pois:

“(...) Alguns se deixam levar por uma falsa impressão de maior facilidade, como percebeu François Kourilsky ao afirmar que todos se imaginam capazes de fazer a história do tempo presente porque essa é a história que vivemos: faz parte de nossas lembranças e de nossa experiência. Ora, vale lembrar que essa história exige rigor igual ou maior que o do estudo de outros períodos: devemos enfatizar a disciplina, a higiene intelectual, as exigências de probidade. Eis uma linguagem que cumpre divulgar e que é tanto mais necessária e oportuna porquanto a sociedade que nos cerca e nosso tempo exercem uma pressão a favor da história do tempo presente.”(13)

Outra questão importante é referente a duração e delimitação do objeto próprio da história do tempo presente:

“(...) Não se trata de uma história do instante, e é preciso denunciar a confusão entre uma história da proximidade e uma história da instantaneidade; trata-se, portanto, de uma história da duração.(...) Isso tem conseqüência para os historiadores do tempo presente; eles precisam rever continuamente a delimitação do seu campo de

pesquisa.(...) Conseqüentemente, os historiadores do tempo presente devem estar atentos às mudanças, acolher novos temas, dar provas de imaginação.” (14)

O próprio Remond defende a história do tempo presente, mas alerta:

“Cuidemos para não nos transformarmos em corporação, a história não nos pertence, ela pertence a todos, aos magistrados como aos cidadãos. É um bem comum, cada um tem direitos sobre sua história e devemos ser os representantes da sociedade. Cuidemos para não nos apropriarmos da história. A reintegração do tempo presente faz varrer da visão da história os últimos vestígios do positivismo: o historiador do tempo presente sabe o quanto sua objetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los.

Uma vez que o historiador do tempo presente se confronta com a atualidade, seu olhar tem um raio relativamente curto (...). Mas a história do tempo presente evoca a importância da contingência e do fato: a história é feita de surpresas, mais de surpresas que de ardis.(...) A história do tempo presente é um bom remédio contra a racionalização a posteriori, contra as ilusões de ótica que a distância e o afastamento podem gerar.”(15).

Obviamente, o historiador não pode se furtar ao direito de analisar os fatos históricos que ocorreram há pouco tempo ou que estão acontecendo agora, pois tais temas são também objeto da história, no caso a do tempo presente.

Por outro lado, também serão tratadas obras como “Sadam Hussein e a crise do golfo”, de Judith Miller e Laurie Mylroie, “Iraque: a Guerra Permanente” e “Iraque: Plano de Guerra”. Outrossim, será utilizado o texto “O Iraque no Grande Jogo Político Mundial”, do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, para se mostrar como ocorreu o desenrolar da Guerra do Golfo (1991).

Como se trata de um tema de história política, focada nas relações internacionais, estarão presentes conceitos de Teoria da Relações Internacionais, para demonstrar como o aludido tema se insere nesse aspecto teórico. Assim, obras teóricas como “Todo Império Perecerá: Teoria das Relações Internacionais”, de Jean-

Baptiste Duroselle e “Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões”, de Cristina Soreanu Pecequilo.

Seguindo essa linha de raciocínio, o presente texto “A Guerra do Golfo, a historiografia e as Relações Internacionais, é um fragmento da monografia que está sendo elaborada, no Curso de Especialização em História Social, da UEL, cujo tema é “Crise no Oriente Médio: a Guerra do Golfo e as Relações Internacionais (1990-1991)”, foi escolhido, pois representa um marco importante na transição das relações internacionais.

Com base na bibliografia sobre o tema mencionado, percebe-se que o conflito pode ser encarado como algo sintomático de mudanças na transição da Guerra Fria para a Nova Ordem Mundial.

Vale ressaltar, que tal período foi escolhido, porque o ano de 1990 marca a invasão do Kuwait pelo Iraque, o ano de 1991 a guerra propriamente dita, a expulsão e, conseqüente, derrota das forças iraquianas em território kuwaitiano.

3 – METODOLOGIA

O presente texto é uma fração da pesquisa bibliográfica acerca do tema “Crise no Oriente Médio: a Guerra do Golfo e as Relações Internacionais (1990-1991)”. Não será feita uma análise de fontes primárias como jornais e revistas, porque isso será feito posteriormente na monografia de especialização, já mencionada anteriormente.

Vale ressaltar, que as fontes utilizadas como instrumentos de pesquisa são referenciais bibliográficos, já mencionados anteriormente sobre a Guerra do Golfo, as Histórias do Tempo Presente, Política e Contemporânea e a Teoria das Relações Internacionais.

Para tanto, como metodologia acerca do tema em questão, será usada a obra “Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões”, de Cristina Soreanu Pecequilo.

A mencionada autora trabalha com o Sistema Internacional, que pode ser definido como o conjunto de relações entre atores, em um lugar específico, com um grau de interdependência entre si, e submetidos a algum modo de regulação. A dinâmica das relações entre os atores do Sistema Internacional varia entre a cooperação e o conflito.

O Sistema Global é fechado, heterogêneo e possui uma estrutura variável, isto é, transita do Unipolar, passando pelo Bipolar, Multipolar até o Unimultipolar.

Cristina Pecequilo defende que os atores internacionais das relações internacionais, como o Estado, possuem recursos de poder como “Hard Power” (geografia, poder militar, recursos naturais, força industrial) e “Soft Power” (desenvolvimento econômico, conhecimento, tecnologia, ideologia e cultura).

Outrossim, podem ser atores não-estatais como Organizações Internacionais Governamentais ou Intergovernamentais como a ONU (Organização das Nações Unidas), que evitam o caos nas relações internacionais. Existem também as Forças Transnacionais como as ONG’s (Organizações Não Governamentais), Empresas Transnacionais, Organizações Criminosas, entre outros.

Segundo Cristina Pecequilo, existem várias Teorias das Relações Internacionais como o Realismo. Este baseia-se no choque de interesses, guerras e divergências como bases da Formação do Estado. O sistema internacional é formado por Estados Soberanos, existindo um equilíbrio de poder, isto é, uma competição entre Estados Soberanos levando ao autocontrole (unipolar, bipolar, multipolar e unimultipolar)

Já a corrente liberal reconhece a existência e a necessidade do Estado Civil que se originou não porque a condição natural do homem o leva à violência, mas porque sua condição natural busca a cooperação e a confiança mútua e a guerra é um obstáculo a isso. Nesse sentido, tal teoria aborda com mais atenção outros atores do Sistema Internacional, além dos Estados, sendo que o Neoliberalismo, causa uma interdependência simétrica/assimétrica dos atores em questão.

A outra teoria de destaque é o Marxismo que é defensor do caráter mundial das relações de produção capitalistas e dos conflitos entre classes e intraclasses no Sistema Internacional.

Dentro da linha teoria realista, os homens são maus e perversos no Estado de Natureza, sendo incontroláveis e ambiciosos. Estão sempre buscando atender os seus interesses individuais em detrimento do outro. Assim sendo, o Sistema Internacional, é formado por Estados soberanos que interagem sem controle ou lei superior, em que existe a possibilidade gigantesca de guerra, num verdadeiro Estado de Natureza e anarquia. Os seus atores são apenas os Estados, sendo que os demais atores que eventualmente estão agindo não importam.

A ordem do Sistema Internacional, seguindo essa linha teórica, nasce da busca incansável do equilíbrio de poder. Foi o que aconteceu na Guerra do Golfo, de 1991. Contudo, essa teoria não considera a existência de novos atores internacionais, como as transnacionais e as organizações internacionais, no caso a ONU e assim, também será utilizada a teoria liberal para complementar a teoria realista nesse aspecto específico.

Vale então dizer que a linha teórica liberal defende que o Sistema Internacional, por ser anárquico na origem, deve ser baseado na cooperação e nas leis para controlar a desordem a guerra não é necessária ou inevitável e os seus atores (Estado, organizações internacionais e forças transnacionais) não perseguem somente o poder, mas outros interesses como o econômico.

É claro que há uma interdependência explícita entre os atores do Sistema Internacional, em que as forças transnacionais como a de empresas e de organizações como a ONU ganham importância gigantesca.

Assim, a Guerra do Golfo foi analisada sob a ótica da teoria realista, por ser a que consegue explicar melhor o sistema de relações internacionais atuais. Contudo, a teoria realista tem limitações, pois não contempla a existência de atores novos como transnacionais e organizações internacionais, como a própria ONU, como o faz a teoria liberal.

Nesse sentido, Cristina Pecequilo em sua obra já citada, elenca questões importantes no cenário contemporâneo das relações internacionais que merecem importante destaque. O primeiro é referente ao fim da Guerra Fria e ao provável Fim da História, este defendido arduamente por Francis Fukuyama ao afirmar que a história como conflito de ideologias teria chegado ao seu fim com a derrocada do comunismo e a uniformização das formas de pensamento e ação. Assim, nascia a “Nova Ordem Mundial”, traduzida pela situação de consenso e cooperação internacional durante a Guerra do Golfo (1991), via ONU.

Já o autor Samuel Huntington e sua teoria do “Choque de Civilizações”, defende que existem novas formas de conflito, em que o mundo dividido em linhas culturais (identidades étnicas, religiosas e culturais), em que a civilização ocidental estaria sendo ameaçada pelo mundo muçulmano, colocando em risco o equilíbrio de poder mundial. Tal pensamento, tem sido base da atual política externa estadunidense para o Oriente Médio, em especial para o Iraque, sob a presidência de George Walker

Bush. Entretanto, tal visão não explica por completo os conflitos e as questões contemporâneas atuais.

4 – NOTAS

(1) Guerra do Golfo – Guerra ocorrida em 1991, entre a coalizão de países liderados pelos EUA, contra o Iraque, de Saddam Hussein, pois este ordenou a invasão do vizinho Kuwait, em 1990.

(2) Guerra Fria – conflito geopolítico, ideológico e econômico que opunha EUA e seu capitalismo contra a URSS e seu socialismo e que nasceu durante o fim da Segunda Guerra Mundial.

(3) Socialismo Real – socialismo implantado nos países do Leste Europeu, principalmente, baseado no socialismo científico de Karl Marx e tinha uma forte centralização e planejamento da economia. Ver a obra *Era dos Extremos*, de Eric Hobsbawm.

(4) SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *O Iraque no Grande Jogo Político Mundial*.p. 04.

(5) Conflito Árabe-Israelense – conflito entre palestinos e israelenses que se originou desde a divisão da Palestina, pela ONU, em 1947, com origens milenares.

(6) Guerra Irã-Iraque - conflito provocado pela Revolução Islâmica Iraniana, em 1979, pela disputa do estuário de Shat-el-arab e pelas reservas de petróleo existentes no Irã.

(7) Guerra Civil Libanesa – conflito que opôs cristãos e muçulmanos pelo poder no Líbano.

(8) HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 15.

(9) SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *O Iraque no Grande Jogo Político Mundial*.p. 04-05.

(10) CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*.RIBEIRO, Vera (trad.). Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 266-267.

(11) Idem. p. 267.

(12) REMOND, René. *Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M.*Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 207.

(13) Idem p. 206.

(14) Idem, Idem. p. 207-208.

(15) Idem, Ibidem. p. 208-209.

5 – BIBLIOGRAFIA

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*.

SANTARRITA, Marcos (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Tempos Interessantes: Uma vida no século XX*. DUARTE, S. (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LEGOFF, Jacques. *A História nova*.

BRANDÃO, Eduardo (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Introdução às Relações Internacionais: Temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo Império Perecerá. Teoria das Relações Internacionais*. MAGALHÃES, Ane Lize Spaltemberg S. (trad.). Brasília: Editora UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *O Iraque no Grande Jogo Político Mundial*.

MILLER, Judith; MYLROIE, Laurie. *Sadam Hussein e a crise do golfo*. MALUF, Vera. (trad.). São Paulo: Scritta, 1990.

DENAUD, Patrick. *Iraque, a guerra permanente: entrevistas com Tarek Azis. A posição do regime iraquiano*. MENENDEZ, Maria Inês (trad.). Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

CHAUVEAU, Agnes; TÉTART, Philippe. *Questões para a história do presente*.

COHEN, Ilka Stern. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Contendo a democracia*. RIBEIRO, Vera (trad.). Rio de Janeiro: Record, 2003.